



# Vivendo um dia inteiro na Casa

*O psicólogo Juarez Alves faz uma descrição de todas as atividades desenvolvidas na Casa, destacando em particular a importância das Assembléias como uma das formas abertas de organização e de participação de cada um e do conjunto da comunidade:*

“O horário para o menino ir à Casa é o da manhã. Se ele não consegue ir pela manhã, perde a chance de estar na Casa naquele dia, já que à tarde ele não é recebido. Ao ser recepcionado, estão à sua disposição um chuveiro com água quente, toalha, bucha, sabonete e roupa para uso interno. Em seguida, ele toma um lanche, na presença dos educadores. Há, então, uma conversa sobre aquele espaço ou as coisas que aconteceram com ele, recentemente. Inicia-se aí a atividade mais significativa da Casa, no desenvolvimento do Projeto, a Assembléia, que apresentava no início pouca organização. Nesse período inicial, os meninos se retiravam da Casa no momento em que desejassem.

## Os primeiros contatos

Essas reuniões possibilitaram ao menino revelar, na sua quase totalidade, duas demandas básicas: queriam um lugar para dormir e uma escola para estudar. Isso confirmava dois princípios do projeto: sem albergue e sem alfabetização seria impossível a construção de um projeto de vida junto aos meninos e para eles. Sentimos então que, já passados trinta dias de conhecimento da Casa, era preciso avançar nas etapas do projeto elaborado.

Em primeiro lugar, constatamos a existência de dois grupos na Casa: o dos educadores e o dos meninos que tinham uma presença mais constante e significativa. A interação entre esses dois grupos só foi identificada através da prática, não constando de forma explícita no projeto como ponto fundamental das relações a serem estabelecidas. Se tínhamos o propósito de promover uma nova organização interna e externa nas relações com os meninos, era preciso sistematizar ações dentro de uma pedagogia com-



*Como atividade de rotina, os meninos cuidam dos objetos pessoais.*

promissada e libertadora, em que os espaços da opressão deixassem de existir e o lugar do diálogo fosse construído. É nesse momento que a Assembléia atinge seu caráter sistematizador da socialização buscada a partir da elaboração do projeto. É na Assembléia que fica definido o horário de chegada na Casa — até as nove horas. De oito às nove e trinta, os meninos tomam banho, lavam suas roupas, fazem lanches, enfim, entram em atividades bem pessoais e de forma individual.

## Uma rotina diversificada

Após as nove e trinta, dois grupos de meninos vão para a alfabetização, um grupo para a musicoterapia, outro grupo para a capoeira e, após uma hora, os grupos se alternam nas atividades desenvolvidas. É bom frisar que o grupo fixo de meninos a serem atendidos diretamente na Casa é de 24, e que seriam distribuídos seis deles para cada atividade. Esse número é apenas referencial, não havendo rigidez na sua composição.

Às onze e trinta, acontece o almoço, ficando livres até às treze e trinta. Nesse momento, todos entram em atividades de caráter formativo, orientadas para o mundo do trabalho, seja atividade de limpeza e de conservação da Casa, seja trabalho em couro ou em madeira. Especificamente, o tra-

balho em couro, madeira e chupe-chupe tem o caráter de geração de renda, estando estas atividades bem aquém do real desejado.

A geração de renda visa a alcançar dois objetivos dos mais significativos: um, o de possibilitar um ganho financeiro para suprir necessidades pessoais, tais como a de ir a um cinema, de poder pagar passagem de ônibus para passeios de fim de semana, tirar documentos, e outros, mas jamais pretende a obtenção de uma renda que venha a suprir todas as necessidades do menino. O segundo objetivo é o de facilitar a elaboração de novas formas de ganhar dinheiro, (além do roubo, tão comum no cotidiano dos bandos). A geração de renda tem sido um desafio no sentido de encontrar atividades que garantam rentabilidade com custos baixos e que permitam o desenvolvimento e o conhecimento emocional do menino.

Às dezesseis horas, fazem um lanche e às dezesseis e trinta são liberados para o pernoite (albergue).

Nessas atividades diárias, temos na sexta-feira às onze horas o horário de lavar roupa da Casa. Os meninos recebem roupas para uso durante as atividades, tendo o compromisso de conservá-las, já que elas têm um período de duração e somente após esse tempo é que recebem novas peças.

## Por que fazer Assembléia?

Temos, também, reconhecida como a linha mestra das relações na Casa uma Assembléia na segunda-feira às nove e trinta, quando as leis da Casa são formuladas, todas as propostas são discutidas, inclusive a admissão de novos elementos e os compromissos de cada um acertados.

A Assembléia é o momento em que todos — o grupo de meninos e o de educadores — se agrupam para uma discussão em comum. Aparecem, então, as dificuldades afetivas, a negação aos compromissos duradouros, o desejo de estar na Casa e o não saber como preservá-la etc. É nesse estar junto especial que surgem os temas que orientam os conteúdos a serem trabalhados. É aí que o menino reflete e descobre que ele não tem uma cons-

ciência de si mesmo e que tudo aquilo que revela como sua identidade nada mais é senão os conceitos rotuladores que lhe indicam um lugar na marginalização social, sustentada pelo sistema ideológico em que vivemos. Os meninos se acham incapazes não porque o sejam, mas porque pessoas pertencentes a classes diferentes afirmam que, em sua totalidade, eles são incapazes, marginais.

### Um momento maior dos meninos

É na Assembléia que eles revelam o seu corpo — com suas feridas, quemaduras, roupas esfarrapadas, sua cor negra (em sua maioria) — como o único mensageiro, para a sociedade, daquilo que lhe fizeram. Em compensação, essa sociedade tem a seu favor — contra esses meninos — os meios de comunicação de massa, as diversas instituições, os políticos, os policiais, os empresários e, enfim, as pessoas de sua própria classe social.

Lado a lado, num círculo inacabado, a Assembléia concretamente nos diz do lugar que os meninos ocupam numa sociedade em que a Justiça e o Direito são relativos aos interesses de uma minoria que detém a maioria dos instrumentos convencionais de dominação.

É na Assembléia, momento maior da fala dos meninos, que descobrimos alguns conceitos básicos que podem orientar a atuação da sociedade como um todo na relação com esses meninos.

A Assembléia também nos fala de um espaço em que se constrói outro tipo de relacionamento. Ela nos aparece, de alguma forma, como um lugar da contra-instituição, da contra-ordem, no sentido de ser a possibilidade de instaurar uma nova maneira de organização; uma outra possibilidade de se pensar e de poder falar de si. Dessa maneira, é o espaço em que se discutem a convivência, as normas, enfim, tudo o que nos torna uma comunidade.

Na Assembléia, nós, educadores, vivenciamos a angústia do enfrentamento com diferentes instâncias institucionais que inviabilizam, permanentemente, a materialização de propostas de um trabalho que possibilite um novo lugar para esses meninos”.



*Na condição de supervisora, Mari-sa Estela S. Tejera tece uma série de considerações, com caráter de auto-avaliação, sobre os dilemas de trabalhar no Projeto da Casa como um processo aberto que, por analogia, lembra os versos do poeta sobre o caminhante que faz caminho ao caminhar:*

“Acontecendo é a sensação que nos percorre quando falamos no Projeto. Ele está acontecendo, está sendo possível, está delineando-se, enfim, nós o estamos vivendo ainda. É nesse sentido que não temos definições acabadas, teorizações definitivas, propostas estruturadas. A experiência nos aparece como uma vivência intensa, sempre nova, sempre imprevisível, que nos diz da irrupção. Os meninos são surpreendentes, no sentido amplo da palavra, do que ‘sur-preende’, do que nos aprisiona e, ao mesmo tempo, mantém esse caráter constante de surpresa.

Muitas coisas têm sido reformuladas no Projeto, muito se repensou e se discutiu. O projeto inicial não é o mesmo, por diversas razões como, por exemplo, a dificuldade com as leis, com os horários, enfim, com tudo aquilo que pretendia guardar uma certa organização.

### Avallando algumas atividades

A musicoterapia não foi bem aceita pelo grupo. Nossa colega Ivana Maria F. Vieira nos diz que é preciso trabalhar de uma forma menos direcionada. São os meninos que demandam essa abordagem. Assim é possível integrá-los com o trabalho, com a proposta, criar um movimento. A musicoterapia se integra nas outras atividades e no cotidiano da Casa.

A mesma coisa aconteceu com a arte-terapia: de um momento de enriquecimento inicial à possibilidade de elaborar painéis, cenários, peças de teatro, enfim, são muitos os exemplos que teríamos para relatar e as discussões que poderíamos levantar. Queremos, porém, deixar claro que essa idéia de movimento é o que se impõe.

## Um momento de reflexão

A Casa da Rua Ubá não é um lugar de permanência, não é um lugar de chegada. A trajetória dos meninos não acaba ali e, pelo menos, não é essa a nossa pretensão. Ela é, essencialmente, um lugar de trânsito, de passagem, de abertura para outros espaços.

Muitas determinantes têm atravessado nosso trabalho: a dificuldade de concretizar uma forma de geração de renda, as ambigüidades das respostas institucionais etc.

Podemos perguntar-nos o que torna possível concretizar um projeto. Aqui nos referimos, em primeiro lugar, à Febem. Somos uma equipe que, de uma forma provisória ou não, está vinculada a uma Instituição, mas nenhuma instituição é inteira. Ela tem porosidades, suas aberturas, que a tornam incentivadora e sabotadora ao mesmo tempo.

A análise institucional tem-nos ensinado que o mesmo lugar que possibilita é o que paralisa. Temos vivido isso muito claramente. Foram constantes, por exemplo, os enfrentamentos, os desentendimentos, os mal-entendidos entre a Casa da Rua Ubá e o CERT (Centro de Triagem da FEBEM). Podemos pensar que tudo é FEBEM, mas isso não é tão claro assim. O movimento das instituições não é linear, não é único, mas contraditório, seguindo caminhos que nos dizem do possível e impossível, ao mesmo tempo.

Sentimos a pressão da sociedade, do que está ‘fora’. Nos passeios, as pessoas olhavam o grupo de uma forma desconfiada e receosa. Nas negativas dos proprietários quando se tentava alugar uma casa: se é para meninos de rua, não se aluga — era o que nos diziam.

É possível que tudo isso tenha contribuído para tornar-nos uma mini-comunidade que se autodefende, que se coloca contra algo, que pensa, ilusoriamente, que o inimigo está fora. Esta é uma das tantas questões que ficam para ser pensadas com mais rigor por parte de nosso grupo de técnicos.